

Retratos Imaginados, um registro dialógico da comunidade rural do Arco-Verde.

Rodrigo Fiusa Wanderley.
Professor Orientador, José Carlos Mamede.
Facom/UFBA

Resumo

O *Retratos Imaginados, um registro dialógico da comunidade do Arco-verde* é um ensaio fotográfico contemporâneo que aborda a relação do homem do campo com o espaço onde habita. As imagens são fruto do diálogo e da relação que foi se constituindo entre o fotógrafo e os indivíduos durante os 18 meses em que o projeto se alongou. O trajeto teórico percorrido remonta aos cânones da fotografia documental clássica, transcorre pela conformação do gênero do retrato e aporta numa fotografia ligada ao campo do imaginário e da subjetividade e do dialogismo.

Palavras chave: *fotografia documental contemporânea, comunidade, imaginário, dialogismo.*

Introdução

Este Projeto foi realizado na Comunidade do Arco-Verde, zona Rural de São Miguel das Matas, em 2010 e 2011. Os retratos do livro, produto desta pesquisa, mostram os indivíduos em simbiose com os espaços que habitam. As pessoas retratadas são vizinhas do sítio de minha família, local que frequento desde os cinco anos de idade. Por ter uma ligação afetiva com o lugar, resolvi dedicar-me a conhecê-lo mais profundamente.

A ideia inicial era fazer um livro que resgatasse a história desse povoado que é habitado, em sua maioria, por afrodescendentes. Parti, então, ao encontro das pessoas mais idosas para que me contassem sobre suas infâncias e do que ouviram de seus pais sobre o período em que a escravidão vigorava. Contudo, pouco pude resgatar dessas histórias, pois o passado que fui à busca não estava mais acessível em palavras, mas estava estampado em cada cômodo, nas rugas de cada rosto. Dessa forma, tudo adquiriu um novo sentido e descobri

casas muito ricas em personalidade e que falavam sobre a individualidade de seus donos. O jeito de arrumar a sala, as paredes marcadas repletas de santos, relógios antigos (muitas vezes quebrados) e calendários velhos transformados em finos artigos de decoração.

O diálogo foi o instrumento principal deste projeto. Saber da história da região passou a ser apenas a forma de iniciar as conversas que seguiam por caminhos inesperados até a intimidade de pedir para voltar em outro momento para que pudesse fazer algumas fotos. No meu retorno, alguns me recebiam bastante arrumados, enquanto outros, como seu Zica (Isaac Oliveira), faziam questão de serem registrados da forma como estavam no momento. “O sujeito tem que ser original, se é pra fazer foto tem que ser do jeito que eu sou mesmo”, afirmou sem pestanejar. Deste modo, as fotos surgiram da união entre a minha proposta de trabalho, da relação que construí com as pessoas e do modo como elas queriam ser fotografadas.

O registro fotográfico que apresento não visa ser objetivo nem imparcial, como os projetos documentais clássicos, mas carregado de verdade e de compromisso construído com cada um dos sujeitos que com tanta boa vontade abriram as portas de suas casas e de suas vidas para mim.

O retrato e a fotografia contemporânea

Na contemporaneidade - diferente de um fotojornalista a serviço de um jornal, ou de um fotógrafo publicitário a serviço de seu cliente - o fotógrafo que se coloca única e exclusivamente ao encargo de sua criação está apto a criar uma relação diferente não só com sua imagem, mas também com o lugar ou com as pessoas envolvidas no processo (Rouillé, 2009). Deste modo, a subjetividade do fotógrafo se encontra presente na imagem na medida em que este se coloca enquanto sujeito criador e propositor de sua ideia, de um conceito. Nestes casos, o *tempo* é um fator fundamental, pois a criação de uma relação de confiança com a comunidade, ou de familiaridade com o objeto não se constrói em uma ou duas visitas.

Os trabalhos documentais contemporâneos nos mostram que as fronteiras entre o real e o abstrato tendem a se borrar. Renan Cepeda, por exemplo, com a técnica do *light paint*

(figura 1), registra comunidades quilombolas fazendo uma ligação estreita entre a arte da pintura com o documento.



Figura 1 - Renan Cepeda, *Retrato de Zé Pereira*.

Trabalhos deste tipo pressupõem uma aproximação e a criação de uma relação íntima com a comunidade retratada. Pressupõe um estudo cultural e histórico da região e as imagens são montadas de maneira a conseguir retratar da melhor forma aquilo que o fotógrafo consegue apreender e sentir.

Nesta direção, o trabalho de Marcio Lima (figura 2) também aponta para uma relação com o motivo fotografado de maneira mais próxima, criativa e expressiva:

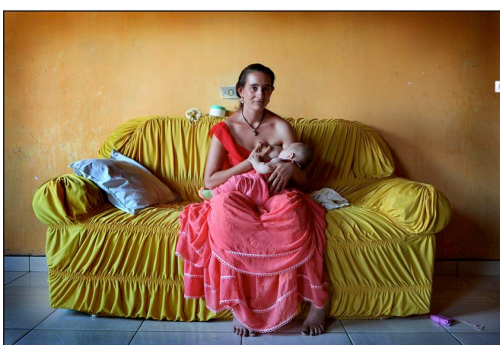


Figura 2 - O povo cigano, *Marcio Lima, 2011*

Percebe-se na imagem que o motivo ainda é o centro de interesse, o referente adere” (BARTHES, 1984) mas há muito mais em questão; a aproximação com as pessoas, as escolhas estéticas e técnicas acionadas pelo fotógrafo, o conquistar e o deixar-se conquistar pelo objeto de sua objetiva. “A chegada do Outro e do diálogo ao centro do processo

fotográfico constitui uma nova etapa na dinâmica que, há quase um quarto de século, conduz a fotografia do estrito documento à expressão. (ROUILLÉ, 2009: 168)

Extrapolando as imagens, o livro *Retratos do Êxodo* de Sebastião Salgado ganha um significado que vai muito além das imagens capturadas. O próprio modo como as imagens surgiram traz uma significação especial. Na introdução do livro, ele conta que essas imagens se originam de uma estratégia que ele criou para que as crianças, eufóricas com a presença da máquina fotográfica, o deixassem trabalhar tranquilo.

Crianças que estavam rindo e gritando, de repente haviam ficado sérias. O grupo ruidoso se transformara em indivíduos que, por meio da roupa, da pose, da expressão e do olhar, contavam suas histórias com franqueza e dignidade desarmantes. Os olhos daquelas crianças, mais do que qualquer outra coisa, eram como janelas de sua alma. E, através deles, a tristeza e o sofrimento que elas haviam encontrado em suas curtas vidas eram dolorosamente visíveis. (SALGADO, 2000, p. 8)

O projeto *Faces*, de Alvaro Villela (figura 3), é mais um exemplo de trabalhos que extrapolam as imagens capturadas: se constrói no próprio ato de fotografar e se torna possível pela relação de confiança criada com a comunidade.

Diante desse quadro de quase apagamento da memória, a solução foi buscar na simplicidade do retrato a essência de toda a ancestralidade distante. Eu já havia feito alguns retratos da comunidade, e mantínhamos uma relação de respeito e carinho, o que contribuiu, e muito, para uma maior entrega durante a sessão das fotos que estão aqui expostas. (VILELLA, 2011)

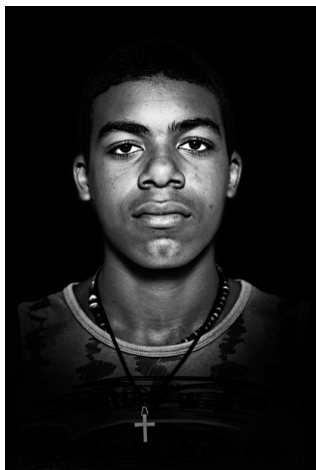


Figura 1 - Faces, Alvaro Villela, 2011.

Como relata na apresentação de seu trabalho, a ideia dos retratos surge ao notar que não estava encontrando os traços da ancestralidade negra que povoavam seu imaginário e que já não estavam mais presentes;

Com uma identidade cultural bastante rarefeita, o que resta da própria ancestralidade desse povo é a força das suas faces. Os retratos aqui apresentados seguem uma estrutura de trabalho que sugere uma metáfora de um povo e sua cultura, que tendem a desaparecer, ou se reinventarem, só restando uma memória distante. (VILLELA, 2011)

Atualmente, muitos fotógrafos buscam a semelhança espiritual mais do que a concreta e exterior. Deste modo, a fotografia vislumbra uma aproximação com o mundo da arte, da expressão, do que com o da reportagem. Assim como a fotografia libertou a pintura da obrigação de representar o mundo, atualmente, a televisão e os vídeos amadores (difundidos pelas redes) estão ocupando este lugar de “fíeis espelhos da realidade”, o que abre à fotografia o direito e a liberdade de se reinventar e seguir seu próprio caminho.

Retratos Imaginados

No ensaio Retratos Imaginados, a particularidade das pessoas e do lugar se concretiza no modo como organizam o ambiente em que vivem; no fogão a lenha, no oratório, nas torres de panelas bem ariadas e tão bem organizadas Não tinha como fotografar o passado que fui ali buscar, mas este teimava em se fazer presente em cada detalhe das casas que fui adentrando

“o sujeito anteriormente era observador central, o operador técnico, o

avalista da unidade estética da imagem e de sua fidelidade às leis da representação perspectiva – basta lembrar de Cartier Bresson. Com Robert Frank, o “eu” ganha em humanidade e em subjetividade. É um “eu” fotográfico disposto de maneira plenamente assumida, com uma vivência pessoal, sentimental, até mesmo íntima.” (ROUILLÉ 2009, P. 172)

A ideia surge de uma demanda particular e por isso aberta a infinitas possibilidades, o que se difere de trabalho encomendado ou enquadrado em uma pauta. Neste projeto, as pessoas estão no centro de um processo que vai além do que está registrado pela objetiva: experimentar aquilo que Rouillé (2009) chama de postura dialógica.

Seguramente menos submetida à dominação do mercado, a postura dialógica procura, ao contrário, produzir o verdadeiro de maneira muitas vezes coletiva e interdisciplinar. Atento às pessoas, preocupado em nunca lhes trair a confiança, e preocupado em colocá-las no centro do processo, tal procedimento vai contra reportagens onde o Outro é quase apenas um objeto, onde a imagem prevalece sobre as pessoas. (ROUILLÉ, 2009, p. 183)

Neste projeto, as imagens não fogem ao referente: as pessoas e os espaços são o foco do trabalho. Ele se enquadra no gênero da Fotografia Documental por tratar de um objeto específico, por tratar da realidade de pessoas, e por ser um projeto de longo período. Não se enquadra nas definições retrato imaginário de Lombardi (2007), já que o conceito não se sobrepõe às imagens e tampouco o referente é apagado por borrões, desfoques ou granulados. Fujo, no entanto, aos cânones do documentário clássico na medida em que conto uma história sem roteiros, por interferir nas cenas e por colocar o objeto fotografado como co-criador de sua representação. Não há uma preocupação em fazer uma reportagem linear, objetiva e imparcial que abarque todos os elementos da vida desta comunidade. Viso representá-la através desta construção imagética que extrapola os objetos e ganha significado também no modo como as imagens são construídas, organizadas e apresentadas.

Descrição do Produto e Processo

O ensaio fotográfico *Retratos Imaginados* é um trabalho documental intimista que busca retratar um pouco da cultura do lugar através do modo como as pessoas arrumam e interagem com suas casas. Trata-se de uma comunidade descendente direta dos escravos que trabalharam nos latifúndios da região. Deste trabalho selecionamos 12 imagens que contam de forma resumida uma narrativa que se inicia da porta das casas, de onde vamos ganhando a confiança das pessoas e pouco a pouco adentrando nas salas, passando pelos oratórios até chegarmos na intimidade das cozinhas. O enquadramento aberto, feito com lente grande angular, busca contextualizar o indivíduo com o ambiente em que habita e o tratamento utilizado ressalta os detalhes, as texturas e as cores marcantes de cada cômodo. O retrato foi a linguagem utilizada pois a ideia não era mais a captura de instantes decisivos, mas conseguir passar aquilo que fomos capazes de construir juntos: a junção dos imaginários do fotógrafo com o dos fotografados.

Este projeto foi concebido ao longo de dezoito meses de visitas, estudos e muitas conversas compartilhadas até chegarmos ao produto final: um ensaio fotográfico capaz de valorizar essas pessoas e o seu lugar de origem e que mostre a importância do lar como símbolo de resistência de uma cultura em vias de desaparecer.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Elaborar o registro fotográfico documental da comunidade do Arco-verde.

Objetivos específicos

Apresentar ensaio fotográfico de caráter documental que possa suscitar uma reflexão sobre o modo de vida desta comunidade através de uma análise subjetiva.

Estimular a pesquisa e a valorização da história e cultura do recôncavo baiano.

Instigar uma maior produção fotográfica voltada para a memória e salvaguarda do patrimônio histórico e cultura da Bahia

JUSTIFICATIVA

Trabalhos como este podem ter relevância para diferentes grupos entre pesquisadores, fotógrafos, antropólogos, historiadores, sociólogos que possam valer-se dele como enriquecimento para suas pesquisas. É um trabalho sobre uma cultura, inserido em uma sociedade específica, mas que tem eco em todo o território nacional. Além de poder ser um trabalho importante para a comunidade científica acredito ser um documento importante também para a comunidade do Arco-verde na medida em que se mostra como um elemento que valoriza seu modo de vida, sua cultura e sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Localizo, portanto, minha busca no campo do *imaginário* que construí diante daquele mundo que fui adentrando pela porta da cozinha. Longe de ser o mundo real, que é intangível (impossível de ser retratado), tão pouco é a concretização deste imaginário que vive em minhas ideias: é o mundo que consigo construir através das escritas que o meu objeto técnico me permitiu expressar. Junte-se a isso o imaginário que povoa a mente daqueles que estou retratando. Seu modo de se portar diante da câmera é fruto do modo como concebem sua identidade, no modo como se permitem e desejam ser fotografados.

6. REFERÊNCIAS

COELHO, Texeira. Livro catálogo da exposição Olhar e Ser Visto, 2008.

DUBOIS, Phillippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**; tradução Marina Apenzeller – Campinas,SP: Papyrus, 1993.

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: Uma leitura do retrato fotográfico** - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

GURAND, Gilbert. **O imaginário, Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**; tradução René Eve Levié. – Editora Difel, 2004

LOMBARDI, Kátia Hallak. **Documentário Imaginário – Novas potencialidades na fotografia documental contemporânea**. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2007.

PRADO, Marcos. **Os Carvoeiros**; Editora Amilcare Pizzi Arti Grafiche – Milão: Itália, 1999.

RAMOS, Vanessa. **Trens do Subúrbio**. Memória de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Comunicação – UFBA. Salvador, 2011.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre o documento e a arte contemporânea**; tradução Constancia Egreja. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SALGADO, Sebastião. **Retratos do Êxodo**; Editora Europa, 2000.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**; tradução Rubens Figueiredo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma historia critica do fotojornalismo ocidental** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

VILLELA, Alvaro. **Faces**. Disponível em http://www.alvarovillela.com.br/alvaroVillela/index.php?option=com_joomgallery&view=category&catid=8&Itemid=21&lang=pt&linkname=Faces#. Acesso em 05 out. de 2011.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria V , modalidade Ensaio Fotográfico.

² Aluno líder do grupo: Rodrigo Fiusa Wanderley. Graduado em Jornalismo, email: rodrigofw20@gmail.com.

³ Orientador: José Carlos Mamede, Professor do Curso de Jornalismo, email: mamede@ufba.br

